

OS PARADOXOS DO CORPO SIMBÓLICO: A DIREÇÃO DOS SINTOMAS E DOS COMPORTAMENTOS RITUALÍSTICOS NO ATO ALIMENTAR EM ADOLESCENTES

Sarah Hannah Mira Suss¹

Kirsty Hellen Santos Araujo²

Maria do Desterro de Figueiredo³

RESUMO

Os ritos marcam a trajetória humana desde as comunidades mais antigas. No entanto, os ritos na sociedade contemporânea têm carecido de significados simbólicos e amparo coletivo. O surgimento de rituais solitários vivenciados de maneira inconsciente e destrutiva podem ser observados no comportamento ritualístico do cenário dos transtornos alimentares. Neste artigo, a adolescência será o recorte usado para compreender os rituais solitários, esvaziados de sentidos, nos transtornos alimentares. Nota-se que na tentativa de responder aos potenciais transformadores da psique, o adolescente acaba por adquirir comportamentos ritualísticos no ato alimentar que expressam, simbolicamente, as vivências insuportáveis dessa fase na psique. Considerando o constructo teórico e a ênfase dada neste trabalho ao feminino, há uma urgência no que tange a produção científica que busque compreender o fenômeno do transtorno alimentar no corpo masculino.

Palavras-chave: Ritos. Ritos de Passagem. Adolescência. Psique. Transtornos Alimentares.

¹ Aluna do 10º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2022-2023). *E-mail:* sarah.suss@mail.fae.edu

² Aluna do 10º período do curso de Psicologia FAE Centro Universitário. Voluntária do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2022-2023). *E-mail:* kirsty.h.santos@mail.fae.edu

³ Orientadora da Pesquisa. Doutora pelo Programa de Medicina Interna e Ciências da Saúde do Hospital de Clínicas/UFPR. Professora da FAE Centro Universitário. *E-mail:* maria.defigueiredo@fae.edu

INTRODUÇÃO

Toda trajetória humana é marcada por ritos, e mesmo entre as comunidades mais antigas, permeiam diferentes ações ritualísticas. Os ritos mais tradicionais mobilizaram as tribos ou comunidades uma vez que eram cerimônias que permitiam o envolvimento com algo sagrado e com grande potencial de transformação para o indivíduo. Imbuídos de sentido, os rituais eram experiências coletivas simbólicas que contribuíam para a harmonia entre os sujeitos e a natureza. De acordo com Mussi (2018), na sociedade contemporânea não há mais ritos tradicionais⁴, sobrando apenas os tidos “pseudo-iniciações” (MUSSI, 2018, p. 24), como por exemplo o vestibular. Dessa forma, neste cenário, os ritos estariam sendo vivenciados de forma inconsciente.

Mussi (2018) irá argumentar a respeito da necessidade dos ritos de iniciação, os quais inauguram e possibilitam a manutenção da sociedade frente às alterações. A celebração do casamento, a iniciação na puberdade, o nascimento e a morte são alguns exemplos destes processos inconscientes. Os ritos de iniciação, declara o autor (MUSSI, 2018) são os responsáveis por encaminhar a energia psíquica, o que propicia a transformação do indivíduo bem como a sociedade que o envolve. Além disso, tal energia é movimentada, gerando vitalidade e dinamicidade.

Sobre os ritos na contemporaneidade, Gadotti, Borges e Sampaio (2017) alegam que foi a partir do Iluminismo que o ser humano passou a ser fertilizado com ideias da ordem da razão e do conhecimento científico. Assim, justificativas transcendentais que outrora eram dadas para aplacar questionamentos naturais, no período iluminista, perdem seu espaço. As autoras defendem que o deus a ser venerado não é mais o da tradição judaica-cristã, mas a produtividade e a razão. Tal como nas crenças judaicas-cristãs, este espírito da época se instaura alegando que há tão somente uma única maneira de alcançar a liberdade humana e esta, por sua vez, se dá através da ciência e do trabalho (GADOTTI; BORGES; SAMPAIO, 2017).

Entretanto, este processo acaba por efetivar uma ruptura e um distanciamento considerável nas dinâmicas psíquicas, isto é, os indivíduos passam a contemplar o mundo e as relações por meio de uma nova perspectiva, desvinculado do simbólico, da imaginação e da interioridade psíquica. Indo mais além nestas reflexões, Woodman (2002) apresenta percepções acerca da secularização dos rituais e como estes são vazios, não dando conta dos anseios psíquicos.

Assim, os rituais compulsivos se fazem necessários para aplacar a fome natural, a qual, segundo Woodman (2002), é passível em todos. Ademais, complementa

⁴ Também chamados aqui como rituais primitivos.

defendendo que as instituições religiosas, a comunidade e o núcleo familiar, por exemplo, as quais se apresentavam como rituais repletos de numinosidade e funcional como ritos de passagem, na modernidade estão destituídos de valores e significados. Ao passo que a sociedade é exposta às múltiplas formas de violências e caos, há um desmoronamento simbólico por parte das instituições. Nesta dinamicidade, o indivíduo está em um embate com o terror da extinção e não há mais rituais sagrados nos quais possa recorrer. Os ritos contemporâneos, longe de manter a harmonia das relações sociais e das subjetividades, antes atuam na desestruturação da consciência, o que reverbera, por exemplo, em transtornos alimentares.

Pela perspectiva Analítica, os transtornos alimentares são tidos “por um quadro sintomatológico relacionado às perturbações persistentes no comportamento alimentar que resulta na alteração do consumo e da absorção dos alimentos” (FIGUEIREDO, 2019, p. 1), assim, há uma complexidade psicológica no transtorno alimentar, o que torna difícil identificar sua causa e sua finalidade apenas por um único viés.

Deste modo, para compreensão das narrativas aqui dispostas, é fundamental estabelecer que o esvaziamento nos rituais têm destituído as experiências, as quais perderam seu significado e funcionalidade dentro da existência humana. Como já mencionado, os rituais fazem parte de todo percurso do ser humano e isto se dá em todas as fases da vida, entretanto, diante da complexidade que se daria em compreender os rituais alimentícios em todas as fases humanas, fora preciso limitar a pesquisa apenas para o campo da adolescência.

Independente da abordagem, há uma perspectiva no tocante a adolescência, a qual afirma que esta é uma fase onde o sujeito irá romper com valores perpassados por seus pais ou responsáveis, enquanto busca por seus próprios ideais. Com lentes analíticas, Penna e Araujo (2021) considera a adolescência um momento ímpar para o sujeito, onde o arquétipo do Herói Patriarcal irá combater os dragões dos instintos no decorrer do processo de individuação. Essa luta, que se manifesta na rebeldia juvenil, é prerrogativa para a inserção do jovem nas relações humanas. O herói afasta-se da realidade a sua volta, e busca elementos para a construção de consciência (MARQUES, 2009).

Assim sendo, dentro do cenário que foi construído, no qual se afirma que apesar da relevância dos ritos primitivos o mesmo tem sido alvo de um esvaziamento simbólico, como um adolescente experienciará um processo de individuação saudável?

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 RITOS DE PASSAGEM

Partindo de uma compreensão antropológica dos ritos de passagem, Genep (2011) traz contribuições a respeito destes os quais se decompõem em ritos preliminares (separação), liminares (transição) e pós-liminares (reagregação). Essas fases são vivenciadas no batismo, casamento, parto, nos funerais e na adolescência, contendo caráter transformador para o indivíduo e para a comunidade que o cerca. Nesse sentido, a importância do rito é precisamente pelo seu caráter transformador da psique humana. A fase preliminar é a separação do indivíduo do grupo, retirando ele de sua posição social anterior e isolando de suas interações sociais. A fase pós-liminar, e última, é a consumação da passagem onde o sujeito possui obrigações claramente definidas as quais facilitam sua reintegração no grupo. A fase liminar, que seria a transição entre as duas fases anteriores, configura uma passagem ambígua, de estar nem vivo nem morto sendo comparada “à morte, ao estar no útero, à invisibilidade, à escuridão, à bissexualidade, às regiões selvagens e a um eclipse de sol ou da lua” (TURNER, 1974, p. 117). Essa ambiguidade e ausência de status da liminaridade muda quando o iniciante passa a ter um sentimento de integração e igualdade com a tribo, chamado de “*communitas*”, que está associado a mudança de cargo ou posição social que acontece nesse estado limiar.

Esse processo de mudança de cargo e status para o coletivo é possível devido ao papel central que os símbolos assumem nos rituais. É o símbolo que diferencia a realidade cotidiana para uma atmosfera ritualística, onde ocorre o processo de transformação, ou seja, a passagem para outro estado. Podemos considerar o símbolo enquanto força integradora de sentido que mobiliza os indivíduos a vivenciar a experiência ritualística de forma rica e profunda (TURNER, 1974; MUSSI, 2018). Seus significados, portanto, são construídos a nível coletivo e passível de mudanças a depender do rito e do ponto de vista que é observado. Como o processo do ritual contempla momentos de tensão e canalização de energia psíquica, os símbolos organizam a ação ritual e a forma como a comunidade a vivencia, revelando também aspectos culturais e sociais de cada grupo (TURNER, 1974; MUSSI, 2018).

1.2 SÍMBOLO PARA PSICOLOGIA ANALÍTICA

O símbolo é uma imagem que se expressa na consciência carregando consigo conteúdos arquetípicos, sendo estes, elementos estruturais da psique que atuam de forma autônoma atraindo a consciência para a emergência do símbolo (JUNG, §910, 2013a; JACOBI, 1957). Segundo Jacobi (1957) por arquétipo entende-se aglomerado de energia psíquica e símbolo como a forma como essa energia aparece para a consciência por meio de uma ligação com a realidade (JUNG, 2008). Aparecendo como imagens na consciência, os símbolos também são “encarnados” por meio de figuras, desenhos e objetos retratando, nas relações e situações vivenciadas pelo indivíduo, elementos de natureza primitiva e coletiva (JACOBI, 1957). Assim, a análise dos ritos da adolescência e suas implicações no desenvolvimento de comportamentos ritualísticos no ato alimentar desregulado são consideradas simbólicas à medida que se atenta aos aspectos conscientes e inconscientes dos símbolos nesses processos. Diferente da visão Junguiana a respeito dos símbolos, a funcionalidade organizadora e harmônica destes, na perspectiva antropológica, é possível por meio da partilha do significado simbólico pela coletividade (MUSSI, 2018). E assim como o símbolo é o elemento principal para a transformação nos ritos de passagem possibilitando a transição para um novo estado, a emergência do símbolo para a consciência e o contato com esses conteúdos arquetípicos promove o que Jung compreende por transformação, união dos opostos que constituem parte do processo criativo da individuação (JUNG, §911, 2013a).

1.3 ADOLESCÊNCIA NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

De acordo com Guimarães et al. (2023), a sociedade atual enfrenta mudanças significativas em sua configuração em uma velocidade expressiva, o que colabora para que os adolescentes se sintam inseguros e com dificuldades para se adaptar ao mundo (artigo submetido à publicação). As autoras ainda comentam que os responsáveis pelos cuidados destes jovens observam o aumento no índice de suicídios, do uso de substâncias químicas ilícitas, além de doenças psicossomáticas e uso indiscriminado de medicalização.

Acerca das evidências que circunscrevem a adolescência, Guimarães et al. (2023) defendem que esta fase, outrora negligenciada socialmente⁵, é marcada por uma preocupação exagerada com a própria aparência, pensamentos mais concretos, generalizações, buscar por novas experiências, aventuras, novos amigos, além de do crescimento físico e transformações tanto emocionais quanto hormonais.

⁵ Dado que foi a partir do século XIX que a adolescência passa a ser compreendida como um período distinto do desenvolvimento humano, tendo, assim, demandas e manifestações próprias desta fase.

Turner (1974) e Genep (2011), como vistos anteriormente, teorizam a respeito da separação e do estado liminar presentes nos ritos de passagem, e Frankel (2021) busca compreender a separação como elaboração da morte simbólica e aproximação do ego com o *self*, e o estado liminar como a transição de um estado a outro, como uma possibilidade de encontro do adolescente com potencial transformador que lhe confere uma nova visão a respeito de sua identidade e sobre o mundo. A falta de orientação nesse processo, no entanto, dificulta a canalização da energia turbulenta que é desencadeada pelos ritos acarretando em várias tentativas de “auto-iniciação” (FRANKEL, 2021, p. 87) que se manifestam em comportamentos autodestrutivos e nocivos para a saúde física e mental do adolescente.

Jung (§756, 2013a) considera a adolescência como um momento de diferenciação para o indivíduo no que diz respeito à saída da atmosfera psíquica de seus pais marcando um nascimento psíquico acompanhado de mudanças corporais indicativas do início da maturação sexual. O indivíduo ainda está em desenvolvimento psicológico visto que o ego está experienciando os primeiros contatos com a realidade externa sem o governo dos pais, se configurando uma fase de amadurecimento do ego o qual ainda não está pronto para ligar-se ao *self* de modo a vivenciar o processo de individuação (JUNG, 2013a; FRANKEL, 2021).

A Escola Analítica do Desenvolvimento, no entanto, compreende a individuação como um processo que se estende a vida inteira, enxergando na adolescência uma possibilidade de encontro consigo mesmo e melhor adaptação do ego à realidade exterior. E os conflitos internos e externos são vistos como precursores do processo de individuação, ou seja, situações que trazem sofrimento se constituem parte do processo do adolescente de encontro com a sombra da sua personalidade (FORDHAM, 1994; FRANKEL, 2021).

Frankel (2021) aponta a presença dos ritos na adolescência como parte da estrutura psíquica, movimentando o indivíduo para práticas que manifestem essa necessidade de transformação e transição para um novo estado, nesse caso, para a adultez. E essa transição é marcada pelo encontro com imagens de morte que simboliza o encerramento da infância e o preparo para a vida adulta, permitindo o desenvolvimento do senso de continuidade da vida no nível coletivo e as novas funções que precisará desempenhar agora que não é mais criança.

Essas imagens de morte presentes na psique adolescente eram contempladas nos ritos tradicionais, e que segundo Frankel (2021, p. 100) “[...] ilustram de forma poderosa como as imagens primordiais são utilizadas na iniciação dos jovens”. Como explica Mussi (2018), os ritos funcionam como canalizadores de energia psíquica evitando que os afetos primitivos e brutos tomem controle do ego. E com isso, o esvaziamento simbólico e desamparo coletivo nos ritos de passagem dos adolescentes desencadeiam

comportamentos ritualísticos, como os transtornos alimentares, que regridem a energia para o sintoma, mantendo-o em comportamentos autodestrutivos, dificultando o processo de individuação.

1.4 TRANSTORNO ALIMENTAR NO DSM-V E NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

De acordo com DSM-V TR (APA, 2023, p. 381), a Anorexia é uma “restrição da ingesta calórica em relação às necessidades, levando a um peso corporal significativamente baixo no contexto de idade, gênero, trajetória do desenvolvimento e saúde física”. Além disso, perturbações acerca da imagem corporal são experienciadas. Ainda segundo o DSM-V TR o sujeito anoréxico sente “medo intenso de ganhar peso ou de engordar, ou comportamento persistente que interfere no ganho de peso, mesmo estando com peso significativamente baixo” (APA, 2023, p. 381).

A forma como DSM-V TR (APA, 2023) lida com os transtornos alimentares, pelas lentes da visão biomédica, não dá conta de compreender o fenômeno que ultrapassa o campo corpóreo. Há algo de repulsivo não na comida, mas no comer. Figueiredo et al. (2019) contrariando a lógica biomédica alegam que é preciso explorar as imagens oníricas, buscando entender as suas funções. Figueiredo et al. (2019) dizem que não há uma simbolização nos transtornos alimentares, há um vazio em seus ritos repetitivos, a exemplo, a purgação.

Figueiredo et al. (2019) sublinham também que a Bulimia Nervosa, por exemplo, se expressa como um sintoma psíquico, nos quais os vômitos, as dietas, o uso de laxantes, diuréticos, jejuns, entre tantas outras práticas operam como rituais de passagem para um novo corpo.

Nesse sentido, é possível afirmar que a função compensatória atua no modo como o sujeito vai lidar com o comer. O ato de purgar é uma forma de equilíbrio, ao passo que este tira de seu corpo, além do alimento, representações oníricas. Ou seja, aquilo que é do campo do insuportável ao ego realiza um movimento para fora, o vômito, comunicando uma psique que anseia integrar conteúdos de ordem onírica e arquetípica.

Conforme os critérios do DSM-V TR (APA, 2023), a Compulsão Alimentar deve, categoricamente, apresentar as seguintes características:

1. Comer mais rapidamente do que o normal;
2. Comer até se sentir desconfortavelmente cheio;
3. Comer grandes quantidades de alimento na ausência da sensação física de fome;
4. Comer sozinho por vergonha do quanto se está comendo;
5. Sentir-se desgostoso de si mesmo, deprimido ou muito culpado em seguida. (APA, 2023, p. 392)

Na exposição do quadro clínico, o DSM-V TR (APA, 2023) não aponta para as representações do inconsciente acerca da funcionalidade do comer, das angústias da vida e o sofrimento decorrente desta. Assim, ratificando o que foi dito anteriormente, os transtornos alimentares são atravessados pelo relacionamento corpo e psique, sendo estes não somente uma compulsão na ordem biológica, mas que se emerge no biológico para manifestar uma demanda do *self*.

2 METODOLOGIA

Proposto por Eloisa Penna (2009), o método de pesquisa intitulado “Processamento simbólico arquetípico” é pautado no paradigma de pesquisa da psicologia junguiana. E os elementos fundamentais desse paradigma são: ontologia, epistemologia e metodologia. A perspectiva ontológica encontra-se na base e a partir dessa, as outras se apóiam, estabelecendo entre si uma relação dinâmica e interdependente, tornando o corpo de conhecimento vivo e passível de novas descobertas e atualizações.

A visão de mundo para Jung contempla os aspectos subjacentes e manifestos, ou seja a dinamicidade dos conteúdos inconscientes e conscientes na busca por unidade psíquica dispensa interpretações reducionistas e lineares dos fenômenos psicológicos. Em vista disso, a metodologia do processamento simbólico e arquetípico compreende o símbolo produzido pela psique como fenômeno passível de observação, investigação e análise. E o desafio do pesquisador frente ao processo de compreensão do fenômeno está na apreensão do aspecto inconsciente do símbolo.

A realidade psíquica é formulada a partir da concepção da qualidade simbólica do mundo e do indivíduo, tendo em vista que a dimensão simbólica abrange aspectos biológicos, ambientais, culturais e espirituais (PENNA, 2009). O rito, portanto, é visto como expressão simbólica e parte integrante da psique adolescente permeando diferentes comportamentos, como por exemplo o ato alimentar. O transtorno alimentar em adolescentes como um fenômeno manifesto e subjacente - consciente e inconsciente -, será analisado como evento simbólico que apresenta comportamentos ritualísticos que contribuem para a regressão de energia psíquica para o rito de passagem, dificultando a transição para um novo estado, para uma mudança psíquica (WOODMAN, 2002).

O presente estudo, portanto, visa compreender simbolicamente os comportamentos ritualísticos, tais como vômito, excesso de atividade física, dietas restritivas, uso de medicamentos e substâncias tóxicas nos transtornos alimentares e que expressam uma necessidade psíquica.

A pesquisa se dará por meio de Revisão de Literatura a respeito dos aspectos históricos e contemporâneos dos ritos e da dimensão simbólica dos mesmos no cenário dos transtornos alimentares, mediante análise e interpretação de material científico já publicado. Especificamente, o referencial teórico selecionado refere-se aos estudos dos ritos nas perspectivas antropológicas, nos ritos de passagem relacionados à adolescência, aos símbolos na perspectiva junguiana e na dinâmica dos transtornos alimentares, com especial destaque ao recorte populacional dos adolescentes.

3 DISCUSSÃO

Os rituais, como mencionados anteriormente, já aconteciam em diferentes culturas, todavia, ao passo que se desenvolve, novas configurações são adicionadas aos rituais primitivos. A mitologia grega carrega em si uma esfera simbólica relevante para compreensão dos arquétipos. Pretende-se aqui explorar o mito de Coré, a fim de criar significantes entre a história e o ato de comer. Na mitologia grega, Deméter, a deusa da natureza, tem uma filha chamada Coré. A moça vive com sua mãe, a qual lhe protege de todos os perigos, o que a deixa pura e ingênua. Além de experienciar uma realidade livre de transtornos, Coré passa seus dias em uma eterna primavera, onde o tempo é sempre agradável e ameno. Todavia, este equilíbrio é rompido quando Hades, o deus do submundo, vem à superfície da Terra e se apaixona pela jovem virgem, levando-a ao seu reino.

Uma vez no submundo, Coré, agora chamada Perséfone, é a esposa de Hades, tornando-se a deusa das profundezas. Sua mãe, entretanto, decide por salvar sua filha, mas descobre que esta havia comido uma romã oferecida por Hades, assim, ao aceitar o alimento, ela também aceitava ao deus. Por conta da ausência da filha, Deméter já não produzia⁶ provisão a Terra e o mundo definhava sem sua fertilidade, e Coré faz um pacto de permanecer entre os dois mundo: ora seria a jovem virgem imatura e insegura, que se manteria ao lado de sua mãe, ora seria a deusa do submundo, esposa de Hades, responsável por retirar o elo entre alma e corpo⁷. Ao comer a romã, Coré, em um processo de transformação, revela aprovação ao rapto de Hades e sua nova condição como deusa do submundo.

De acordo com Barcellos (2017), os deuses também comem. Seja por meio dos sacrifícios ou na cozinha dos deuses, estes se alimentam e são meios de alimentos

⁶ PASTORELLO, R. F. De Coré a Perséfone: o voo da borboleta. **Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa**, 2022. Disponível em: <https://blog.ijep.com.br/de-core-a-persefone-o-voe-da-borboleta/>. Acesso em: 27 set. 2023.

⁷ MOURÃO, H. R. Perséfone: a deusa virgem e rainha do submundo. **(EN)Cena**, 10 out. 2014. Disponível em: <https://encenasaudemental.com/personagens/persefone-a-deusa-irgmem-e-rainha-do-submundo/> Acesso em: 27 set. 2023.

para os que os adoram. Na história narrada, a comida e o ato de comer são carregados simbolicamente. Tanto por Coré que, pelo ato de comer, decide permanecer como deusa, quanto por sua mãe, Deméter, que pela tristeza, opta por não mais se alimentar, o que deixa a Terra infrutífera.

O alimento e o ato de comer nas esferas dos mitos e tradições religiosas é passível de ser observadas em muitas culturas, Barcellos (2017) aponta que na cultura afro-brasileira, por exemplo, banquetes são ofertados aos Orixás tanto para agradecer pelas dádivas recebidas, mas também como forma de petição. Na cultura Ocidental judaica-cristã, Jesus Cristo é tido como comida e bebida aos seus fiéis⁸. Ademais, na esfera mitológica grega, destaca o autor, há histórias onde os deuses são condenados à privação de alimentos e bebidas. Ganimedes, por exemplo, foi raptado por Zeus para servir aos deuses no Olimpo. Além disso, há narrativas onde os deuses gregos devoram suas vítimas em caldeirões.

Barcellos (2017), ainda, apresenta uma interpretação simbólica acerca das técnicas e métodos do cozinhar, e expõe como estes estão ligados com conteúdos inconscientes. Longe de ser tão somente práticas desprovidas de sentido, o autor defende que estas transformam a natureza da vida diária, a ponto de poder ser considerada uma fantasia em movimento. Cozinhar é, antes de tudo, fantasiar e transferir calor. Esse calor é uma maneira de indicar a esfera afetiva que marca o ato de preparar algum alimento. Entre muitas técnicas conhecidas, o banho-maria se apresenta como uma metáfora para diluir as resistências a mudanças e transformações na vida do sujeito, através da ação direta do calor. Esse processo remete a um afeto seguro, constante, e dirigido aquele que cozinha. Um afeto ligado ao arquétipo da grande Mãe. A figura da Mãe estaria ligada ao conforto e afeto que é dado àquele que está no processo de individuação. Outro aspecto sombrio do arquétipo da mãe pode ser compreendido quando Barcellos (2017) trás sobre a técnica cozer os alimentos. Este cozer, feito no âmbito privado, longe dos olhos dos outros, é realizado em um recipiente tampado, protegido pelo fogo. O autor ressalta ainda que esta técnica diz muito acerca da presença onírica e suas representações simbólicas com o caldeirão das bruxas, as feiticeiras e os alquimistas.

Figueiredo et al. (2020, p. 365), alegam que o Complexo alimentar pode ser compreendido como uma forma de sinalizar “as necessidades emocionais no indivíduo”, as quais podem estar vinculadas na relação mãe-filha. Os autores retificam que, dentro da cultura contemporânea, o comer tem a função de ser um ato representativo estimulante das emoções, posto que a comida é usada para suprir contornos aos vazios

⁸ Em muitas narrativas antigas desta tradição, Cristo apresenta seu corpo como “o Pão Vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá eternamente; e o pão que deverei dar pela vida do mundo é a minha carne” (Bíblia Sagrada: Almeida Revista e Atualizada, João 6:51).

da existência. Woodman, em *O Vício da Perfeição* (2002), exemplifica essa relação de quando o alimento extrapola o campo do nutritivo e o comer torna-se emocional:

A pessoa está num ônibus, a caminho de casa. Ela decide que não vai descer no ponto habitual, porque tem uma doceira bem ali e, afinal de contas, uma caminhada vai lhe fazer bem. Ela continua no ônibus. Precisa de um bolinho; fica nervosa. Segue mais dois pontos adiante e, então, apesar de suas melhores intenções, desce e volta correndo para comprar os bolinhos proibidos, aqueles objetos sagrados e destetados. Claro que está sozinha. Ficaria envergonhada se alguém estivesse com ela. Já está sendo levada, em vez de estar indo de vontade própria. (WOODMAN, 2002, p. 47-48)

Segundo Penna e Araujo (2021), sendo a primeira forma de inserção na vida pela via da potência arquetípica da grande mãe, “a criança se sente segura enquanto atada à matéria, abraçada e contida pela mãe, sente-se também segura de si pelo vínculo que mantém com a natureza” (PENNA; ARAUJO, 2021, p. 168). Nesse sentido, no comer emocional o alimento ganha essa roupagem de cuidado e segurança.

Na narrativa Woodman (2002) conta acerca do ato de comer emocional e esse ato faz com que o indivíduo mergulhe em si, em seu próprio mundo, na intenção de compensar, por meio das fantasias, aquilo que a realidade não lhe foi capaz de fornecer. Neste desfecho, ao comprar o bolinho, ela vai para casa em busca de refúgio, a fim de poder realizar seu ritual alimentício solitariamente. Todavia, a calma que outrora invadia aquele momento, desmorona. Neste cenário percebe-se a expressão dos complexos, o qual levará a um limbo de profundos estados de inconsciência. A autora afirma que complexos são constelados e isto a levará a um limbo de ritos de profundo estado de inconsciência. Woodman (2002, p. 48) afirma que “ela se traiu, mas se sente traída, ludibriada por algum poder em seu íntimo sobre o qual não tem controle”. A função compensatória atuaria de modo a fazer com o que o indivíduo acredite que o ato de comer seria capaz de externalizar a deusa arquetípica, a qual controla os instintos do *self*. No comer emocional simbolicamente o alimento poderá prover uma sensação de segurança, afeto e proteção.

Essa busca emocional também pode ser visualizada no comportamento alimentar do adolescente. Segundo Marques (2009), ainda que haja neste um arquétipo do herói, o qual lhe impulsiona a romper com o coletivo e buscar por sua personalidade individual, há também um desejo pela identificação minuciosa, que o leva a encontrar semelhanças na coletividade. Nesse processo dinâmico, o jovem se desvincula de suas figuras parentais e recorre às relações grupais para apaziguar as suas necessidades emocionais. Há uma separação da ordem psíquica expressiva entre o jovem e suas figuras paternas. Todavia, a relação com os arquétipos materno e paterno lhes concederam subsídios para enfrentar os dragões instintivos e, com isso experienciará um fortalecimento egóico (MARQUES, 2009).

Ainda pensando no dinamismo e nos desafios das relações experienciadas no adolescente, buscou-se o aspecto sociológico para compreensão das relações contemporâneas. Bauman (2004) disserta acerca da fragilidade e fluidez nas relações intrapessoais, as quais se tornam sem consistência e confiança. O sociólogo, no que tange os vínculos atuais diz:

Para esfregar sal na ferida, a dependência - a devido à “pureza” de seu relacionamento - não pode nem precisa ser recíproca. Assim, você está amarrado, mas seu parceiro continua livre para ir e vir, e nenhum tipo de vínculo que possa manter você no lugar é suficiente para assegurar que ele não o faça (BAUMAN, 2004, p. 112).

O Bauman (2004) pontua que esta falta de segurança corrobora para um adoecimento psíquico coletivo, dado que a falta de estabilidade enrijece as relações humanas. Indo mais além, o autor faz uma leitura da sociedade e alega que o sistema socioeconômico capitalista e o consumo irresponsável trás a ideia de descartabilidade. O que outrora era um conceito aplicado exclusivamente aos bens materiais, agora passa a ser compreendido dentro dos encontros humanos. Pessoas tornam-se descartáveis e “as parceiras frouxas e eminentemente revogáveis substituíram o modelo da união pessoal ‘até que a morte nos separe’ que ainda se mantinha” (BAUMAN, 2004, p. 112). Uma vez que as relações não mais garantem segurança e conforto, onde e de quais maneiras o adolescente poderá conter as ânsias matriarcais que se erguem?

Segundo Jung (2013a), os instintos humanos ganham repercussão metafórica para contemplar as necessidades da espécie. O autor elenca cinco instintos que influenciam diretamente o comportamento humano, são eles: fome, sexualidade, atividade, reflexão e a criatividade. Os transtornos alimentares, por sua vez, estão intrinsecamente ligados ao instinto da fome, o qual se interpela com o desejo por proteção e autoconservação. O alimento pode ser usado tanto como uma forma de comemorar um feito, mas também como um modo de punição. Woodman (1995) disserta em um estudo de caso, no qual a paciente, ao não conseguir entrar em uma roupa nova, corre a sua casa, fecha a porta, não atende o telefone e come da “noite de sexta à manhã de domingo, devorando cereais, açúcar mascavo, cremes e bolos roubados” (WOODMAN, 1995, p. 81).

Ao contemplar sua imagem no espelho, a paciente de Woodman é possuída de raiva e se volta ao alimento como uma via simbólica de compensação. A análise feita por Woodman (1995) pode ser dialogada, neste estudo teórico sobre os transtornos alimentares, com os pressupostos de Bauman. Woodman (1995) conta que a voracidade pela comida era uma fome pelo amor que jamais conheceu. A autora sublinha que sua fome era por “um amor que a possa aceitar ‘em toda a sua podridão’. Mas também está ávida de uma vida que nunca conheceu, podendo essa fome manifestar-se na posse e no

ciúmes extremos” (WOODMAN, 1995, p 81). Pela falta de relações duráveis e engajadas simbolicamente, a paciente devora o alimento. Ela gostaria de alimentar o desejo de sua mãe, a qual a concebe como uma espécie de Virgem Maria, mas, os caminhos da paciente só os levavam “por várias barras de chocolates” (WOODMAN, 1995, p. 81).

Contudo, esse anseio por proteção e segurança por parte do adolescente, em casos de transtornos alimentares, podem ser dirigidos para o alimento. Figueiredo et al. (2020) declaram que, em uma cultura que supervaloriza os padrões estéticos magros, jovens mulheres que fogem do ideal são reféns de olhares pejorativos da sociedade, que a enxergam sempre por meio das lentes distorcidas. Uma vez que o adolescente vivencia momentos de conflitos e incertezas, o Complexo do Comer emocional se viabiliza através de comportamentos disfuncionais tais como excessos, restrições alimentares rígidas, vômitos, jejuns ou atividades físicas.

Neste cenário, os rituais alimentares desregulados que permeiam os transtornos alimentares, parecem carecer de significado simbólico e amparo coletivo, visto que não conduzem a um novo estado, a uma mudança ou transformação, mas mantém o sintoma. Os rituais, segundo Woodman (2002), deveriam nos aproximar de algo maior, algo transcendente, mas ao contrário, o ego busca a perfeição dos deuses revelando uma consciência faminta de conteúdos inconscientes, convertendo esse desejo em rituais alimentares isentos de potencial transformador. O adolescente permanece nesse estado liminar, como pontua Turner (1974), até que se compreenda o “*para que*” dos seus comportamentos alimentares. Tendo como base a concepção da Psicologia Analítica sobre símbolo, é a emergência deste que possibilita a transformação, o processo de individuação. O ego precisa ser fortalecido para assumir a responsabilidade do indivíduo como ser humano e não como uma divindade, mas em contrapartida a energia psíquica irá sempre regredir para esse rito de passagem onde o sintoma é mantido e alimentado não conseguindo atingir a passagem, de fato, para outro estado, para a cura (WOODMAN, 2002).

No rito da Anorexia, a rejeição ao alimento é o caminho percorrido para acessar conteúdos do inconsciente, mas, por estarem presas às quantidades mínimas de seus pratos, ficam presas no reino de Hades, ou seja, presas em um lugar onde o ato de comer é proibido, sob o risco de permanecer aprisionado pela eternidade (GADOTTI; BORGES; SAMPAIO, 2017). O feminino é reprimido e a mulher “mergulha em seu próprio mundo e compensa o que não viveu na realidade por meio das fantasias e atuações muitas vezes destrutivas” (FIGUEIREDO et al., 2020, p. 365).

Enquanto no quadro de Anorexia medidas pequenas são ingeridas, na Bulimia Nervosa há o descarte do alimento, os quais nem chegam a ser transformados em nutrientes (GADOTTI; BORGES; SAMPAIO, 2017, p. 53). Percebe-se que nesta dinâmica,

da mesma forma que o alimento não é digerido, as vivências não são transformadas e integradas à consciência. Há um desejo pelo alimento, em devorar o banquete, mas também existe a repulsa quando este é engolido. Tem algo de insuportável no alimento que não pode ser ingerido, como de igual modo tem algo de insuportável que o ego não permite que seja integrado à consciência. Pela falta de simbolização, o alimento não é processado, as experiências não são elaboradas e o indivíduo permanece em um ciclo “infundável de entupimento e esvaziamento” (GADOTTI; BORGES; SAMPAIO, 2017 p. 54). Desta maneira, dizem as autoras “há o consumo superficial e voraz de experiências e alimentos, sem a adequada apropriação dos mesmos, que acabam sendo vomitados, descartados, para em seguida sair em busca de algo novo” (GADOTTI; BORGES; SAMPAIO, 2017, p. 54). Neste limbo, os movimentos de preenchimento e esvaziamento revelam conteúdos da ordem do inconsciente, os quais expressam uma tentativa de busca do feminino que se perdeu e da necessidade psíquica de simbolização desses comportamentos alimentares.

Este princípio feminino assim como o masculino podem evidenciar o processo dinâmico dos transtornos alimentares na psique. Nos casos de compulsão alimentar, o corpo encontra-se distante da psique, e com isso, dos conteúdos arquetípicos de ordem coletiva. Desta forma, a falta de contato com o inconsciente coletivo, que abrange conteúdos arcaicos-primitivos, comprometem a emersão do símbolo na consciência para que aconteça a transformação ou processo de individuação. Simbolicamente, segundo Villibor e Figueiredo (2018) e Woodman (2002), a falta de sintonia corpo-mente traz como resultado comportamentos compulsivos direcionados à comida como uma forma de saciar uma fome inconsciente. O comer, portanto, assume uma representação que transcende ao instinto principal da autoconservação, sendo transformado em um comer para suprir necessidades inconscientes a fim de preencher um vazio, o qual só pode ser suprido com conteúdos inconscientes. Suportar a tensão entre anima e animus implica voltar ao princípio feminino o qual foi suprimido pelo masculino, numa tentativa vã de busca pela perfeição. O distanciamento entre a díade corpo-psique conciliado com a internalização de padrões de beleza inalcançáveis não permite o contato com a natureza interior e suas forças instintivas.

Os ritos alimentares nos transtornos alimentares, perderam, como explica Woodman (2002) e complementa Villibor e Figueiredo (2018), a sua função na existência humana e seu valor espiritual numinoso, sendo vivenciados de maneira totalmente inconsciente. Dessa forma, a energia fica presa no limbo de transição do ritual alimentar, nutrindo o sintoma compulsivo. Os rituais dionisíacos, portanto, são via de compensação ao esvaziamento destes, contribuindo para ritos alimentares desnaturados. Essa via encontrada por meio da compulsão pode revelar os excessos psíquicos e os vazios

existenciais que suplicam por preenchimento e elaboração. Sendo assim, o encontro do ego com a sombra não é apenas para projetá-la, mas integrar seus conteúdos de maneira a que a unidade corpo e mente se conecte, possibilitando o contato com os instintos, liberando-os com prudência e reflexão (VILLIBOR; FIGUEIREDO, 2018).

Os ritos carregados de potencial transformador para a psique, se encontram também no ato alimentar, podendo assumir características nos transtornos alimentares. A adolescência, enquanto fase de desenvolvimento para a possibilidade da individuação, torna-se canal de energia psíquica a qual conduz à transformação. A falta desse potencial transformador impede a transição do indivíduo para a vida adulta. Frankel (2021) e Gentry (1989) declaram sobre a afirmação do *self* na adolescência, a qual movimenta o indivíduo na busca por sua própria identidade e mudança de visão de mundo. No entanto, nota-se que o anseio do adolescente em transicionar para a vida adulta é expresso por meio de comportamentos de risco tais como: abuso de álcool e substâncias psicoativas, sintomas de anorexia, automutilação e ideação suicida, acarretando na autonegação. Para o autor, no processo de autoiniciação os comportamentos de risco possibilitam a alteração da percepção de mundo, como algo mágico que leva à transformação ilusória. Não surpreende, portanto, o adolescente enxergar nesses comportamentos uma possibilidade de encontro consigo mesmo e mudança na visão de mundo. Sobre a tentativa de iniciação do adolescente para a vida adulta, Frankel (2021) comenta que:

Se o telos da iniciação é a descoberta da identidade adulta e do status no mundo, uma autoiniciação conduzida no vácuo tem potencial para o desastre, como podemos ver no comportamento cada vez mais autodestrutivo dos adolescentes. (FRANKEL, 2021, p. 89)

Um dos comportamentos de risco presentes no ato alimentar em adolescentes com transtornos alimentares, tais como o vômito ou não comer, pode sinalizar as vivências insuportáveis desta fase as quais simbolicamente expressam o alimento insuportável da psique.

No decorrer da existência, a psique humana tende a se tornar mais integrada, ampliando as suas possibilidades de experienciar e lidar com o mundo. Este processo se intensifica, dado às influências que o ego recebe oriundas dos arquetípicos do inconsciente coletivo, além das vivências que o atravessam. As influências, sejam externas e internas, reverberam de modo expressivo no ego do adolescente (PENNA; ARAUJO, 2021).

Considerando as vivências próprias da adolescência, é possível pensar o quanto a cultura também atravessa nessa construção. Em uma cultura em que os corpos simétricos e definidos são tidos como norma, aqueles que não se encaixam ao padrão são postos

de lado, como se estivessem faltantes, incompletos. Dessa forma, sublinham Figueiredo et al. (2021, p. 1), “o retrato da busca pela perfeição pode resultar nos indivíduos um conflito na íntima relação entre a experiência corporal e a alimentação”. Assim, a causa dos transtornos alimentares em adolescentes não se dá pela via da racionalidade, o que torna o quadro ainda mais complexo. Nessa conjuntura, o ato alimentar não se limita ao mero comer biológico, mas releva questões simbólicas dos processos inconscientes. Os transtornos alimentares vão se instaurar como um quadro sintomatológico, o qual além de influenciar significativamente no consumo e absorção dos alimentos, se manifesta por meio dos comportamentos ritualísticos e estratégias compensatórias realizadas pelo paciente. Essas estratégias podem ser observadas e expressas em diferentes padrões, tais como os vômitos autoinduzidos, uso de laxantes, dietas restritivas, exercícios físicos e jejuns. Nesta funcionalidade psíquica, “o ato ritualístico do bulímico pode expressar a recusa de algo ainda inconsciente e desconhecido” (FIGUEIREDO et al., 2019, p. 1).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comer é uma via para a vida. Por meio do que foi exposto exaustivamente nesta pesquisa, e tendo em mente as contribuições de Jung acerca dos instintos humanos, a fome se faz presente em toda a vida, sendo ela uma força naturalizada. Todavia, a fome, para além da autoconservação e proteção do corpo, ganhou um aspecto teleológico - “*para que*” -, tendo sua expressão no Comer Emocional, ou seja, quando o indivíduo faz uso de uma alimentação desregulada para acalantar determinadas incertezas da ordem afetiva e simbólica. Assim, é preciso considerar a esfera destrutiva do alimento, dado que, vida e morte estão presentes nas narrativas e experiências das pacientes com transtornos alimentares.

É sabido que há um desmoronamento progressivo das instituições, as quais já não transmitem mais segurança, ao mesmo tempo, as sociedades modernas enfrentam um processo de liquidação, isto é, não existe mais uma consistência nas relações. Dentro desta, o adolescente tem como desafio o desenvolvimento do ego, em seu processo de individuação, para enfrentar os dragões instintivos e as dificuldades, além das novas experiências que serão apresentadas para este novo corpo, o qual até então era de um puer.

Compreende-se a fase da adolescência permeada por potenciais de transformação presente nos ritos, os quais podem desencadear em comportamentos de risco quando não amparados coletivamente. Ao responder os potenciais transformadores presentes na psique adolescente, o indivíduo acaba por adquirir comportamentos ritualísticos

de risco no ato alimentar, como vômito, o não comer ou o comer compulsivo, que expressam simbolicamente as vivências insuportáveis dessa fase na psique.

As referências aqui utilizadas apresentam os transtornos alimentares na perspectiva feminina, salientando assim como estes são vivenciados de forma distinta entre os indivíduos, sejam eles adolescentes ou não. Desta maneira, cumpre aqui destacar que há uma urgência no que tange a produção científica que busque compreender o fenômeno do transtorno alimentar no corpo masculino.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION — APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V TR**. Trad.: Daniel Vieira, Marcos Viola Cardoso, Sandra Maria Mallmann da Rosa. 5. ed., rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BARCELLOS, G. **O banquete da psique**: imaginação, cultura e psicologia da alimentação. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BÍBLIA, N. T. João. In: **Bíblia Sagrada**. Trad.: João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- FIGUEIREDO, M. D. et al. O complexo cultural e o complexo do comer: um estudo com mulheres obesas. **Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 26, n. spe., p. 361-369, dez. 2020. <http://dx.doi.org/10.18065/2020v26ne.1>
- FIGUEIREDO, M. D. et al. Imagens arquetípicas na série de sonhos de um caso de bulimia nervosa. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 14, n. 4, p. 1-13, out./dez. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082019000400016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 mar. 2023.
- FORDHAM, M. **Children as individuals**. Londres: Free Association Books, 1994.
- FRANKEL, R. **A psique adolescente**: perspectivas junguianas e winnicottianas. Petrópolis: Vozes, 2021.
- GADOTTI, C. M.; BORGES, M. B. F.; SAMPAIO, S. M. D. Processar, elaborar, digerir: transtorno alimentar na contemporaneidade, leitura arquetípica. **Junguiana**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 47-58, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252017000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 mar. 2023.
- GENNEP, V. **Os ritos de passagem**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GENTRY, D. **Adolescence in a Post-Adolescent World**. Gravação da palestra de David Gentry apresentada em uma conferência no Dallas Institute of the Humanities and Culture: Cultural Psychology: Healing the World Soul. Dallas, 1989.
- GUIMARÃES, T. R. N. et al. Anorexia e bulimia nervosa na adolescência: uma perspectiva da psicologia analítica desenvolvimentista. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, Curitiba, v. 12, n. 1, p. 13-24, 2023. <http://dx.doi.org/10.55388/psicofae.v12n1.404>
- JACOBI, J. **Complexo, arquétipo e símbolo na Psicologia de C.G Jung**. São Paulo: Cultrix, 1957.
- JUNG, C. G. **A natureza da psique**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013a.
- JUNG, C.G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- JUNG, C.G. **Tipos psicológicos**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2013b.
- MARQUES, G. O. **Modelos heroicos no desenvolvimento infantil e adolescente**: uma compreensão junguiana. 2009. 133 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Junguianos em Psicologia Clínica) —

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/15797/1/Gustavo%20Orlandeli%20Marques.pdf>. Acesso em: 27 set. 2023.

MOURÃO, H. R. Perséfone: a deusa virgem e rainha do submundo. **(EN)Cena**, 10 out. 2014. Disponível em: <https://encenasaudemental.com/personagens/persefone-a-deusa-irgem-e-rainha-do-submundo/>. Acesso em: 27 set. 2023.

MUSSI, V. B. **Grupos vivenciais de sonhos em psicologia analítica como processo ritual e performance**. 2018. 159 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/56222/R%20-%20D%20-%20VICENTE%20BARON%20MUSSI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 30 nov. 2022.

PASTORELLO, R. F. De Coré a Perséfone: o voo da borboleta. **Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa**, 2022. Disponível em: <https://blog.ijep.com.br/de-core-a-persefone-o-voe-da-borboleta/>. Acesso em: 27 set. 2023.

PENNA, E. M. D. **Processamento simbólico arquetípico: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica**. 2009. 228 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15817>. Acesso em: 30 nov. 2022.

PENNA, E. M. D.; ARAUJO, F. R. S. Adultescência: a caminho da maturidade no mundo contemporâneo. **Junguiana**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 167-178, jun. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252021000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 mar. 2023.

TURNER, V. W. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

VILLIBOR, C. P.; FIGUEIREDO, M. D. O comer desnaturado na perspectiva analítica: contribuições de Woodman e López-Pedraza. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA DA FAE, 2., 2018, Curitiba. **Anais [...]**, Curitiba: FAE Centro Universitário, 2018. p. 95-102.

WOODMAN, M. **A coruja era filha do padeiro: obesidade, anorexia nervosa e o feminino reprimido**. São Paulo: Cultrix, 1995.

WOODMAN, M. **O vício da perfeição: compreendendo a relação entre distúrbios alimentares e desenvolvimento psíquico**. São Paulo: Summus, 2002.